

Dissidência sexual, género e identidade¹

- Ana Maria Brandão♦

Resumo:

A compreensão das vivências da sexualidade está intimamente ligada às representações do género, que tem como parâmetro central de definição a atracção erótica pelo “outro” sexo. Neste quadro, a experiência homo-erótica feminina – que englobaremos na noção lata de “dissidência sexual” – surge como transgressão das fronteiras do feminino e as mulheres que são os seus sujeitos vistas como não-mulheres – algo especialmente evidente na figura problemática e fantasmagórica da “lésbica máscula”. Porém, como o género não é um “feito”, mas um “a fazer” – e atravessado por outras variáveis, como a pertença geracional ou a classe –, a relação entre homo-erotismo, género e identidade gera configurações de conjunto distintas. Partindo das histórias de vida de um grupo de mulheres, mostramos como a experiência homo-erótica, porque contraria noções convencionais do feminino, revela um processo de reconstrução – nalguns casos, de redefinição – identitária que ilustra diferentes modos de (re)fazer o género e de conceber a sua relação com a preferência erótica e a identidade sexual.

Palavras-chave:

Identidade; género; sexualidade; homo-erotismo feminino.

Introdução

Todas as sociedades conhecidas assentam na diferenciação dos géneros e instituem mecanismos de reprodução dessa diferença, mas qualquer sistema de género define, igualmente, o que é a expressão sexual adequada, distinguindo o erotismo permitido do proscrito. A História do sexo no Ocidente mostra, por um lado, a constituição e a autonomização da sexualidade como domínio específico de estudo e intervenção de peritos e, por outro, que esta veio a assumir uma centralidade inaudita na definição identitária dos actores. Estas alterações são marcadas por uma ruptura parcial da relação entre género e

¹ Comunicação apresentada ao VI Congresso Português de Sociologia, Lisboa, 25 a 28 de Junho de 2008. Esta comunicação baseia-se na tese de doutoramento da autora, apresentada na Universidade do Minho, em Abril de 2008, e intitulada “«E se tu fosses um rapaz?» Homo-erotismo feminino e construção social da identidade”.

♦♦ Assistente do Departamento de Sociologia/ I.C.S. – Universidade do Minho. E-mail: anabrandao@ics.uminho.pt

sexualidade: onde o género era a realidade primária e determinante da posição de cada um no espaço social, dividindo a Humanidade entre homens e mulheres, entre masculino e feminino, a autonomização da sexualidade vem criar novas categorias de pessoas, definidas pelas suas práticas sexuais e, em particular, pelo objecto do seu desejo.

Nas nossas sociedades, a heterossexualidade constitui o modelo dominante em termos de desejo e conduta sexuais e um elemento fulcral de definição da feminilidade e da masculinidade. Como uma parte da definição do género inclui o desejo pelo outro sexo, o desejo homo-erótico² surge como infracção às fronteiras de género na medida em que põe em causa a crença numa atracção exclusiva, “natural” e “naturalmente” determinada entre homens e mulheres. Mais do que isso, ele é, geralmente, interpretado como sinal de masculinidade.

A análise das histórias de vida de um conjunto de mulheres mostra que a transgressão da feminilidade ideal-típica – tanto em termos eróticos e sexuais, como de papel – é um dos factores implicados, a vários níveis, num trabalho de (re)construção identitária que visa determinar o lugar do desejo homo-erótico nas suas vidas e nas suas identidades e, por essa via, os seus próprios lugares no mundo.

1. Contextualizando o processo de construção social das identidades: género e preferência erótica

Foi assumido, no quadro da investigação desenvolvida, que as identidades são construídas sob a influência de um conjunto de discursos – políticos, jurídicos, religiosos, científicos – sobre o género e a sexualidade, dos quais os actores se socorrem para se situarem tanto do ponto de vista pessoal, como social, i.e., para encontrarem e definirem os seus lugares no mundo. Esses discursos são aqui entendidos, no sentido de Foucault (1969: 66-67), não “como conjuntos de signos (de elementos significantes que reenviam a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objectos de que falam” e, portanto, “irreduzíveis à língua e à palavra”.

Entendidos desta forma, os discursos disponíveis em cada formação social concreta são dotados de um poder performativo, nos sentidos defendidos por Bourdieu (1987) e por Butler (1999). É sob a sua influência que se aprende a ser homem ou mulher. Sendo incorporado e adquirindo materialidade através das práticas dos actores, o género é, então, assumido por estes como diferença garantida, inquestionável e real. Mas ele é também algo que permanentemente se faz no seu fazer e que dificilmente se conforma aos ideais preconizados.

De entre os pressupostos de partida desta investigação, sublinha-se a defesa de uma concepção ortogonal – e não bipolar – do género e da orientação erótica. A este propósito, tem

² A noção de homo-erotismo, que derivamos de Brooten (1996), refere-se à presença de um acto, de um desejo ou de uma preferência erótico(a) entre/ por indivíduos do mesmo sexo, exclusivamente ou não, abrangendo subcategorias e contingentes populacionais diversos e independentemente das identidades reclamadas e/ ou atribuídas pelos/ aos indivíduos em causa.

sido salientado que masculinidade/ feminilidade, por um lado, e homo-erotismo/ hetero-erotismo, por outro, são mais adequadamente descritos como pares de variáveis contínuas independentes do que como pólos extremos de uma variável única (Bem, 1974; Peplau, Spalding e Conlay, 1999; Storms, 1980)³. Além disso, tem sido também notada a ausência de correlação empírica directa entre orientação erótica e identidade de género, o que põe em causa as teses que tomam a disforia de género⁴ como explicação para o homo-erotismo (idem).

Refira-se, entretanto, que este não é o entendimento comum do género, da orientação erótica ou da relação entre ambos. Para além de o género e a orientação erótica serem, geralmente, encarados como variáveis bipolares e discretas, as nossas sociedades caracterizam-se por aquilo a que Ponce (1978: 24) chamou o “princípio da consistência”, segundo o qual “os elementos da atribuição de sexo, a identidade de género, os papéis sexuais (ou papéis de género), a escolha do objecto sexual e a identidade sexual variam no mesmo sentido”. Em suma, a identidade de género é apresentada com uma ligação intersticial à identidade sexual⁵. Deste imaginário, decorrem duas ideias fundamentais: por um lado, a de que ser-se uma mulher é desejar um homem, e vice-versa; por outro, a de que uma mulher que deseje outra mulher – ou um homem que deseje outro homem – transgride as fronteiras do seu género. Daqui resulta, nomeadamente, a imagem estereotipada e persistente da lésbica máscula ou do gay efeminado e a crença de que masculinidade feminina e feminilidade masculina são indícios de uma orientação homo-erótica. Ilustra-se, de seguida, os modos como estas representações interferem nos processos de (re)construção identitária de um conjunto de mulheres envolvidas em relações homo-eróticas, incidindo especificamente na interferência de variáveis como a classe⁶ e a pertença geracional.

2. “Uma mui estranha coisa se ruge cá entre nós”...

O verso é da autoria de D. João de Meneses (séculos XV-XVI). No poema original, ilustra o espanto do autor face a uma dama da corte que beijava uma tal D. Guiomar de Castro,

³ Assim, uma pessoa pode manifestar pontuações igualmente elevadas nos traços de “masculinidade” e “feminilidade” (andrógina), pontuações elevadas nos primeiros e baixas nos segundos (masculina), baixas nos primeiros e elevadas nos segundos (feminina) ou baixas em ambos (indiferenciada); do mesmo modo, e no que respeita à orientação erótica, é possível, com um modelo ortogonal, distinguir entre diversos graus de homo e hetero-erotismo, permitindo, nomeadamente, distinguir entre bissexualidade e assexualidade (Bem, 1974; Storms, 1980).

⁴ A expressão “disforia de género” é usada no mesmo sentido lato de Newton (1984: 574) para designar “uma série de dificuldades em estabelecer uma identificação de género convencional”, que pode apresentar diversos graus e configurações.

⁵ A identidade de género designa o “sentido subjectivo do *self* de um indivíduo como sendo masculino ou feminino”, estando, portanto, ligada aos papéis de género, i.e., “a todas as normas de comportamento e aparência estereotipadamente ligadas a cada género, incluindo tanto características adoptadas por uma pessoa, como características baseadas no género que lhe são atribuídas pelos outros” (Appleby e Anastas, 1998: 52-53), ao passo que a identidade sexual se refere à auto-rotulagem como heterossexual, lésbica, gay ou bissexual (Reiter, 1989, *apud* Appleby e Anastas, 1998: 49).

⁶ A determinação da origem e do lugar de classe seguiu os critérios de Machado, Costa, Mauritti e Martins *et al.* (2003).

a quem pede que mande “um deles cortar ou tapar, e fica[r] fêmea ou macho”⁷. Não sendo exactamente esta a representação que as entrevistadas têm de si próprias, trata-se de um tropo problemático que dificulta a integração da experiência homo-erótica nos seus sentidos identitários e que, de modos diversos, interfere nestes.

A “mítica lésbica máscula” (Newton, 1984), herdeira da “invertida”, categoria médico-pisquiátrica formalizada no decurso do século XIX, tem sido a representação dominante do lesbianismo tanto do ponto de vista da cultura dominante, como da subcultura lésbica. Ela tem personificado, pelo menos para parte da subcultura lésbica, não só a dissidência sexual das mulheres que preferem outras mulheres como companheiras amorosas e sexuais, mas também o seu símbolo visível e, até certo ponto, a recusa da conformidade ao papel tradicionalmente reservado à mulher (Faderman, 1992; Halberstam, 1998). No âmbito da cultura dominante, ela é uma das imagens da mulher “poluída”, máxime pela sua eminente associação a uma sexualidade não redimida e à negação da feminilidade.

A presença fantasmagórica da lésbica máscula é especialmente visível quando a experiência do desejo homo-erótico produz um “hiato identitário” (Ponse, 1978), que poderíamos definir como uma interrupção no sentido de si do actor. A resolução desse hiato e a aquisição de um sentimento de continuidade renovado exige um esforço interior de reorganização que lhe permita readquirir um certo controlo sobre a própria vida, o que implica, ao mesmo tempo, saber o que ou quem é. Para proceder a esse trabalho, os actores socorrem-se de informação que lhes permita enquadrar os seus sentimentos e desenvolvem um trabalho reflexivo sobre as suas próprias identidades.

Face a um quadro normativo que torna opacas as alternativas à heterossexualidade exclusiva, é à luz dos sistemas de classificação e dos quadros de referência dominantes que as primeiras tentativas de atribuição de sentido ao próprio homo-erotismo são empreendidas. São esses os instrumentos que as entrevistadas detêm e que usam em primeiro lugar. Elas servem-se, portanto, do estereótipo da lésbica enquanto mulher masculina para proceder a uma auto-avaliação (Jenness, 1993: 68; Markowe, 1996: 44-60). Por outras palavras, as entrevistadas estabelecem uma comparação entre si e esses Outros particulares que são “as lésbicas”, sobretudo no período que antecede o contacto directo com aquilo que designam como “o meio”, “a comunidade” ou “o circuito”, para se referirem, concretamente, aos espaços privilegiados de encontro e sociabilidade gays e lésbicos.

Paula (23 anos, origem de classe: EDL), e.g., lembra-se, a propósito dos bares lésbicos, que “nunca tinha ido, nunca tinha tido curiosidade nenhuma em ir. Achava uma grande palhaçada, uma coisa absolutamente de gueto, que horror! // Depois, tinha muito aquela ideia dos bares, de que devia ser tudo ao molho e fé em Deus, tudo para o engate... // Por exemplo, uma imagem muito presente que eu tenho era uma série de mulheres à volta do bar, sentadas naquelas cadeiras altas do bar, a olhar para as outras que estavam a entrar, elas vestidas com um fato de homem, com gravata e mais não sei quê»”.

⁷ O poema completo pode ser consultado em Correia (1999: 79-81).

A descrição do que Paula imaginava serem as características de um bar tipicamente lésbico inclui os traços fundamentais do imaginário comum: a promiscuidade e a depredação sexuais, associada à ideia de inversão dos papéis de género, visível nas formas de apresentação de si (vestuário, postura, gestualidade), e a guetização. Entre os factores que mais ensombram os fenómenos de identificação/ desidentificação nas narrativas recolhidas encontra-se, precisamente, um certo rompimento com os atributos tradicionais do género. Aquilo que é lido como “masculinização”, incluindo uma vivência aberta da sexualidade e a presença de uma pluralidade de parceiras, são elementos face aos quais maiores reservas as entrevistadas mostram. Ambas contrariam quer as formas de apresentação expectáveis de uma mulher, quer a modalidade aceite de vivência da sua sexualidade.

A generalidade das entrevistadas manifesta grande resistência ao modelo estereotipado da “lésbica máscula”, que surge muito associada, nos seus relatos, em especial, à imagem das futebolistas. Alexandra (37 anos, origem de classe: EDL), e.g., recorda que “olhava para as mulheres do futebol e dizia: «Fogo! Que coisa esquisita!» Não era tipo «Ai, olha-me aquelas homossexuais...», não era nada disso, mas eu olhava para elas, não me identificava, dizia: «Pá, eu não quero ser assim!»... Olhava para aquela *camionista*⁸ e, ai, meu Deus! Não gostava!”.

Esta rejeição tem sido interpretada em termos da dificuldade de lidar com uma infracção de género que põe em causa uma autodefinição das mulheres enquanto mulheres (Markowe, 1996; Jenness, 1993). A comparação com a lésbica máscula surge, então, como factor de auto-exclusão da categoria – vendo-se como mulheres, as entrevistadas não podem fazer parte de uma categoria que é percebida em termos da sua não feminilidade. No entanto, as maneiras de representar e realizar a feminilidade estão intimamente ligadas à pertença de classe (Bourdieu, 1979: 119-120; Gagnon e Simon, 1977: 43-45). Parecem estar, pois, em causa, não só as representações e a identidade de género, que atravessam toda a estrutura social, mas especificamente a sua relação com a origem de classe, tanto em termos da modelação do “gosto”, portanto, de um certo sentido estético associado à definição do feminino, como da preservação do *habitus* de género e a manutenção da posição social.

De facto, são sobretudo as mulheres originárias da fracção dos Empregados Executantes, quando comparadas com as que são originárias de famílias de Profissionais Técnicos e de Enquadramento, que maior dificuldade de compreensão e mais resistências apresentam ao protótipo da lésbica máscula, e é também entre essas mulheres que a referência tende a surgir espontaneamente e não como resposta a questões colocadas pela entrevistadora. A desidentificação face a esse protótipo é primariamente apreendida através de uma divergência mais propriamente estética, i.e., ligada a aspectos imediatamente visíveis,

⁸ A *camionista* pode ser considerada sinónimo da *butch*, referindo-se, especificamente, às lésbicas que assumem uma apresentação masculinizada, incluindo não só vestuário, como também gestualidade, postura e atitudes. A *camionista* não recobre o conjunto das mulheres que as entrevistadas classificam como “masculinas”, mas é vista como um “tipo” particular entre estas, muitas vezes designadas, no conjunto, pelo termo «fufas» (em inglês, *dykes*). Em geral, as entrevistadas associam à *camionista* uma “disfunção” ao nível da identidade de género. As futebolistas são frequentemente referidas pelas entrevistadas como o protótipo da *camionista*. Embora não tenhamos conhecimento de nenhum estudo sobre a relação entre a prática de futebol pelas mulheres e o homo-erotismo, a associação entre este e outras práticas desportivas foi analisada por Cahn (1993).

como o vestuário ou o corte de cabelo. Carolina (43 anos, origem de classe: EE), e.g., refere-se às “camionistas” classificando-as como “horríveis. // Mulher maltrapilha, que não se arranja, não é feminina, anda com umas calças largas, com roupa até aqui⁹ e cabelo curtinho... Um rapaz autêntico! Um rapazinho!”. Para Carolina, aliás, o sublinhar da sua própria feminilidade é uma constante: “gosto de me cuidar, gosto de ir ao cabeleireiro, gosto de ir fazer as minhas madeixas, gosto de me pintar, gosto de cuidar de mim, gosto de cuidar da minha aparência! // Gosto muito de me arranjar. Eu sou muito feminina”.

Se compararmos a sua descrição com a de Teresa (52 anos, origem de classe: PTE) especificamente quanto ao que constitui, para ela, factor de atracção sexual, as diferenças são óbvias – a tónica é colocada no esbatimento das fronteiras tradicionais do género em termos estéticos, embora se distinga da masculinidade convencional: “É engraçado porque há, realmente, uma noção de beleza que eu procuro na minha pintura, mas o que se diz, numa linguagem mais brejeira, que dá «pico» sexual não é propriamente essa beleza. É mais uma androginia nas raparigas e, nos rapazes, é rapazes muito belos, muito bonitos... Uns anjos autênticos! Eu detesto, detesto o macho latino! Não posso com pêlos! Detesto aqueles homens negros, com os cabelos negros, peludos, latinos! Detesto! Gosto de peles muito lisinhas, lindos, alourados, ruivos... // Está a ver estas mulheres?¹⁰ // Esta rapariga, que me motivou bastante numa fase da minha vida, é feminina, mas tem cabelo curtinho...”. Note-se, todavia, que mesmo Teresa sente necessidade de sublinhar que “Eu sou tão feminina! Eu acho que sou feminina e gosto muito de me arranjar. Vou sempre ao cabeleireiro todas as semanas. Gosto muito dessas coisas todas de beleza, de tratar dos cremes... Nesse aspecto, sou igual a qualquer mulher”.

A desidentificação estética é, porém, menos frequentemente salientada do que as dimensões que dizem respeito à *hexis* corporal e às atitudes, em particular no que respeita aos rituais de sedução. É ainda Carolina (43 anos, origem de classe: EE) que resume os atributos da lésbica máscula mais veementemente recusados por várias entrevistadas: “Pela maneira de se sentar... Senta-se em frente a outra... A maneira de olhar, de cima a baixo, parece que a está a comer com os olhos... // Como um homem olha uma mulher. Se essa mulher lhe interessa, já está a despi-la com os olhos, parece que a está a comer...”. Também Beatriz (33 anos, origem de classe: EE), quando descreve os seus sentimentos a propósito do seu contacto com este “tipo” de lésbica, mais uma vez no contexto do futebol feminino, estabelece como marca distintiva desta, precisamente, “uma vivência da sexualidade diferente”, que, “Às vezes, até chegava a ser um bocadinho cruel. // Que as pessoas se relacionam com muita facilidade, abordam as pessoas de forma rude... Eu achava porque me sentia incomodada. Cheguei a ter algumas situações dessas e sentia-me mesmo violentada, até”.

Para a maioria das mulheres, são as características mais propriamente comportamentais, associadas a uma visão do género tanto mais claramente polarizada quanto mais baixa a origem de classe, que produzem uma sensação de desgosto (Bourdieu, 1979).

⁹ Exemplifica o que pretende dizer com um gesto exagerado que inclui pés e pescoço.

Uma abordagem directa e mais claramente sexual e a depredação sexual são claramente equacionadas com o papel masculino e, portanto, factores de rejeição sublinhados pelas mulheres originárias de fracções de classe onde a ambiguidade, a este nível, tende a ser menos tolerada. Ora, o gosto constitui, precisamente, um aspecto simbólico fundamental, portanto, directamente visível e apreensível, da classe, e é o sentido da distinção social que “suscita um horror visceral e mortífero, um desgosto absoluto, [...] por tudo o que *ultrapassa o entendimento*, isto é, a classificação incorporada” (idem: 553)¹¹. Não parece estar, pois, apenas em causa o sentido estético ou os limites definidores do género, mas também diferenças de classe dos quais aqueles são a forma visível. De resto, há estudos que apontam no sentido do modelo da *camionista* ser mais característico das mulheres de classes baixas (McIntosh, 1997; Faderman, 1992, 2001).

Mas existe uma outra razão para a ansiedade manifestada pelas entrevistadas face a esta figura: é que ela parece simbolizar a consagração do próprio estigma e representa, por essa via, um risco de contágio elevado. Referindo-se à sua convivência inicial com mulheres cuja imagem correspondia ao protótipo da lésbica máscula, Margarida (33 anos, origem de classe: EE) explica o seu receio de ser vista porque “Aquilo era um autêntico cartão de visita, aquilo dizia tudo!” e Zulmira (47 anos, origem de classe: EE) faz questão de sublinhar que “Eu nunca me integrei muito com os gays, aqueles gays que não é preciso letreiro, sequer”. Em suma, o perigo do contágio e o gosto são factores que tendem a produzir não só a rejeição, mas também o evitar da convivência com mulheres que, pela sua masculinidade “excessiva”, possam ser claramente identificadas como lésbicas.

3. Em busca de si próprias: a transgressão de género como factor explicativo

Ao relembrar o passado, as entrevistadas procuram elementos de continuidade face às representações de si que hoje enunciam. Encontramos, na maioria dos casos, a ideia de que há, nesse passado, indícios de um homo-erotismo que só se viria a revelar plenamente mais tarde. Entre eles, encontra-se um conjunto de aspectos ligados à não conformidade de género, apresentada como sinal de uma “diferença”, que inclui elementos tão diversos como o vestuário (a recusa das saias e vestidos, e.g.), a (ausência de) maquilhagem, o cabelo (curto), os (poucos) cuidados com o corpo, as atitudes, ou a predilecção por actividades e brincadeiras tradicionalmente conotadas com o sexo masculino.

A recorrência desta temática nas histórias de vida destas mulheres é, provavelmente, o que leva Raquel (31 anos, origem de classe: EE) a declarar que tem “sempre a sensação de que quase todas as mulheres homossexuais devem dizer isto quando falam da infância, que é «Eu era

¹⁰ Mostra um catálogo contendo imagens de mulheres com aparência andrógina.

¹¹ Sublinhados do autor.

muito Maria-rapaz!» Eu, de facto, sempre fui muito esse estilo e sempre fiquei também ridícula em roupas de menina!».

Comecemos pelo corpo e pelos modos de o apresentar. Os discursos mais articulados relacionam o cuidado e a atenção com o corpo com o género. Bárbara (31 anos, origem de classe: PTE) recorda que “era uma miúda gorda, fui uma adolescente gorda que, entretanto, emagreceu à custa do primeiro desastre amoroso e, depois, tenho sido mais ou menos. // E estas coisas todas, acho que se ligam. Agora, como, ainda estou a tentar descobrir. Ou seja, eu acho que a orientação sexual não interfere, necessariamente, na imagem do corpo e no tratamento do corpo e na imagem de si que nós mostramos ao exterior, como nos vestimos... Acho que não é determinante. Pode não ser determinante. Nalguns casos, acho que é, evidentemente, determinante. Noutros, não, e noutros, provavelmente, como é o meu caso... O grau pode variar mais ou menos. Mas o que é certo é que se contam pelos dedos os períodos breves em que vesti saias durante a minha vida toda e acho que sempre recusei um bocadinho dar muita atenção ao corpo. // Agora, eu também nunca me construí muito como mulher. // Sei que agora tenho esta consciência, que não tinha até há muito pouco tempo, mas muito pouco tempo, mesmo, esta noção de que sempre rejeitei pensar muito no corpo e acho que isto tem a ver, sobretudo, com o facto de eu ter decidido – nem sequer tem a ver com a orientação sexual... Ou não só, embora eu ache que, por exemplo, esta história das calças tem a ver, obviamente, com isso. Acho que nunca quis vestir saias não porque era gorda, mas porque não me identificava com aquilo”.

As hesitações de Bárbara quanto à relação entre corpo, género e preferência erótica mostram a dificuldade de definir exactamente os seus termos e traduzem a presença de elementos que parecem ser centrais nas definições identitárias da maioria das entrevistadas. As mulheres percebem, desde cedo, que certos cuidados e modos de apresentação de si e dos seus corpos fazem parte dos atributos do seu papel, sobretudo porque se ligam à possibilidade de exercerem uma atracção social e sexual sobre os outros, em particular, os homens (Rothblum, 1994). Esta leitura é consentânea com as afirmações das entrevistadas. Marisa (37 anos, PTE), e.g., recorda que não tinha “uma tendência para eu me parecer, por exemplo, com outras raparigas por quem imensos homens se sentiam atraídos ou por um modelo mais de feminilidade, em termos físicos, que era, supostamente, o que lhes poderia agradar, porque esses rapazes, depois, acabavam sempre por namorar com as mais femininas e mais bonitas da turma”.

Como Bárbara e Marisa intuem, no entanto, é de crer que a relação central seja a que se estabelece entre género e corpo. A recusa das normas relativas aos usos e modos de apresentação do corpo não é característica exclusiva das mulheres que se definem como lésbicas, mas também de muitas mulheres heterossexuais. Note-se, em particular, que muitas feministas heterossexuais tendem a privilegiar uma apresentação de si andrógina (Rothblum, 1994). Essa recusa pode surgir, então, primariamente, como a recusa de certos aspectos do papel de género, só posteriormente interpretados e incluídos numa certa representação identitária. Assim, uma apresentação de si “menos feminina” tanto pode ser lida na linha de

continuidade de uma identidade lésbica, como de uma postura feminista, não sendo as duas mutuamente exclusivas.

Há factores contextuais em causa neste processo de auto/ hetero-atribuição de traços “masculinos”. Antes de mais, as reacções dos outros. É de crer que uma apresentação mais “masculina” produza nestes uma representação destas mulheres como sendo “masculinas” ou, pelo menos, não exactamente “femininas”, que, por sua vez, ao ser-lhes reenviada, crie e/ ou reforce essa auto-imagem. É, igualmente, possível que o corpo e os traços fisionómicos de algumas mulheres estejam, por razões que não dependem das suas vontades, mais distantes do ideal dominante de feminilidade. Além disso, o imaginário popular associa a lésbica à imagem da mulher masculinizada. Finalmente, as próprias normas de apresentação de si (em qualquer caso, as mais visíveis) da subcultura lésbica parecem ter reforçado, pelo menos até há bem pouco tempo, a ideia de que uma certa masculinização é sinónimo de lesbianismo.

Assim, em termos de vestuário, a referência à preferência por calças entre as entrevistadas é recorrente: “As calças, por exemplo, se bem que isso deixou de ser só masculino, mas são poucas as lésbicas que vestem saia... // Eu detestava meias de vidro! A minha mãe queria sempre que eu pusesse meias de vidro, mas eu detestava aquilo! Havia sempre bulhas sujas e, quando começaram as calças, eu vi aquilo como uma maneira de não ter que usar meias de vidro e pronto!” (Antónia, 54 anos, origem de classe: PTE).

Diversas entrevistadas referem-se, igualmente, às actividades e brincadeiras que preferiam, geralmente partilhadas mais com rapazes do que com raparigas. Por vezes, essa alusão sublinha apenas a não conformidade ao papel, como é o caso de Alexandra (37 anos, origem de classe: EDL) que declara que, “Em miúda, sempre tive jeito para desporto. Eu vivia numa aldeia. Os meus pais têm uma quinta – um quintal grande! – e eu sempre subi a árvores... Só para ter uma ideia, eu era uma rapariga que era a primeira a ser escolhida para jogar futebol com os meus irmãos, os meus primos, um vizinho que nós tínhamos”. Noutros casos, surge paralelamente à preferência pelo papel tradicionalmente associado ao homem. Beatriz (33 anos, origem de classe: EE), recorda que, “Mesmo na minha infância, eu nunca gostei muito de brincar às bonecas. // Mas é engraçado que, quando brincava, o meu papel era sempre o masculino! Quando se juntava um grupo de meninas, todas para brincar às casinhas, eu era o pai de família, ou era o filho, ou era o professor, ou era o homem do talho...”. E Raquel (31 anos, origem de classe: EE) lembra-se “que, quando andava no colégio – e eu, nessa altura, não sei que idade é que teria, talvez seis, sete, não me lembro muito bem –, queria que as minhas amigas me chamassem Roberto, que era o mais próximo de Raquel!”.

Os outros têm um papel importante na auto-representação. As mensagens que enviam constituem fontes potenciais de identificação, que, como sublinha Plummer (1996: 71-72), podem não derivar reflexivamente do *self*, mas ser-lhe atribuídas, tornando-se profecias auto-cumpridoras. É ainda Beatriz (33 anos, origem de classe: EE) que, a propósito dos papéis que representava nas brincadeiras, declara que os seus “papéis foram sempre masculinos. Se calhar, porque eu os escolhia, mas também acho que as outras meninas me viam um bocadinho assim,

porque eu também era assim meia arrapazada, estava sempre a brincar com os rapazes...”. Este processo de atribuição e rotulagem está também presente na narrativa de Raquel (31 anos, origem de classe: EE) quando recorda, a propósito da sua maneira de vestir, os comentários de uma das suas irmãs: “Essa minha irmã, não era a primeira vez que me dizia isso, muitas vezes dizia «Pareces um homem!», ou «Pareces isto ou aquilo!», ou «Tens o cabelo assim!», «Andas com os ombros não sei o quê...» [...]...”.

Há entrevistadas que recordam, igualmente, atitudes de rejeição do estilo de vida tradicionalmente reservado às mulheres. O caso mais claro é o de Teresa (52 anos, origem de classe: PTE), que recorda que “adorava aquele grupo de raparigas [de uma B.D.] que eram arrapazadas, radicais e não eram nada as meninhas formatadas, só interessadas no príncipe encantado e nessa treta toda da formatação! Na grande treta que a psicologia impinge às pessoas para as formatar, que é assim: para uma pessoa se sentir integrada, tem de continuar a imagem da mãe [...]! // Eu não era arrapazada! Não era tola! Não andava de bicicleta! Nada! Eu era completamente feminina, mas já tinha dentro de mim algo de feminista que não aceitava muito bem aquele papel da mulher... Da mulher dona-de-casa, formatada... // Portanto, já desde muito jovem queria outro tipo de liberdade e de papel que não era o papel das mulheres formatadas...”. Para Marisa (37 anos, origem de classe: PTE), a sua atracção pela masculinidade também se liga a esta rejeição: “Eu acho que, naquela altura, não tinha muito a noção de sentir atracção por mulheres, mas era como se eu me identificasse com mais facilidade com uma mulher, por exemplo, que não era casada, mais independente, mais autónoma. Talvez a masculinidade, também aí, acho que a associava um bocado a isso”.

Estes últimos exemplos parecem situar-se num nível de politização superior. De algum modo, as afirmações de Marisa e, em particular, as de Teresa, parecem apoiar a tese segundo a qual “A recusa em se tornar (ou permanecer) heterossexual significou sempre recusar tornar-se um homem ou uma mulher, conscientemente ou não. Para uma lésbica, isto vai mais longe do que a recusa do *papel* «mulher». É a recusa do poder económico, ideológico e político de um homem” (Wittig, 1993: 105)¹². Esta leitura deve, todavia, ser temperada pela influência de factores que são exteriores ao próprio actor. Dizendo isto, pretende-se sublinhar que tal recusa não pode ser lida como resultado exclusivo de um acto mais ou menos voluntário e decorrente de determinantes mais ou menos conscientes, mas mais provavelmente da sua combinação com a influência recíproca de manifestações de não conformidade e atribuições e reclamações identitárias ao longo de uma trajectória de vida, razão pela qual quando estas mulheres reclamam a sua própria masculinidade, a apresentam como uma extensão do que sentem ser e não (exclusivamente) como o resultado do que querem ser.

A explicação para a centralidade da não conformidade de género nas narrativas parece estar ligada, por um lado, à reinterpretação do passado a partir da definição identitária presente que pode conduzir à acentuação da sua importância, sobretudo se se entende que existe uma relação entre género e identidade sexual. Neste sentido, pelo menos em certos contextos, a

¹² Sublinhado da autora.

atração homo-erótica constitui uma violação do princípio de consistência que é parcialmente explicada, na procura de um nexos de congruência e na óptica das entrevistadas, pela não conformidade à feminilidade convencional.

A este propósito, a ideia da lésbica enquanto mulher pelo menos relativamente masculinizada está plasmada na explicação que algumas entrevistadas avançam para a sua preferência por modos de apresentação “masculinos”. Marisa (37 anos, origem de classe: PTE) é o exemplo mais óbvio da assimilação destas noções. Esta entrevistada diz-nos que se lembra “bem de sentir, de ter vontade e de gostar de vestir, também, de uma forma mais masculina. Em relação às minhas colegas, às pessoas com quem eu estava, às minhas amigas” e que “as atrações que eu sentia por rapazes, [...] levava[m]-me a ter alguma vontade e algum desejo de ser parecida com esses homens”. Embora reconhecendo que seria “mais eficaz”, em termos de sedução, parecer-se com as raparigas que adoptavam formas de apresentação mais “femininas”, a sua “atração por eles fazia-me procurar roupas parecidas com as deles, sapatos parecidos com os deles... Acho que, de alguma maneira, havia ali uma atracção e um desejo de ser parecida com eles. Acho que a masculinidade era muito no sentido do aspecto físico. // Eu sentia-me, também, de alguma forma, masculina neste sentido de gostar destas coisas mais próprias daquilo que é atribuído mais ao sexo masculino, em termos das roupas, em termos dos gostos, em termos de uma postura...”.

Raquel (31 anos, origem de classe: EE) explica a adopção de uma apresentação masculina, contando que “Há aquela idade em que uma pessoa tem sempre a desculpa de ser um bocado arrapazada. Depois, começa a ver – se calhar, na adolescência e fim da adolescência, talvez nesse período de transição – sempre aquela coisa das amigas que se arranjam assim ou assado e, às vezes, uma pessoa tenta pôr isto ou aquilo, mas fica mal, e eu, às vezes, sinceramente, até brinco um bocadinho porque acho que há algumas mulheres que têm uma determinada postura – se calhar, não têm que ser, necessariamente, homossexuais – que, quando se tentam arranjar, ficam um bocadinho com ar de travestis, um ar um bocado estranho, e eu senti que não valia a pena forçar porque não era aquilo! E, portanto, a esse nível, eu não sinto que tenha feito uma grande gestão da imagem física. // Era como me sentia bem!”.

No caso de Raquel, está plasmada a relação entre o corpo e os significados culturais e simbólicos de que é investido. Ela mostra que “o género é sempre um encontro difícil entre corpos e subjectividades” (Halberstam, 1998: 126). A relação com o corpo, com os modos de o ter e apresentar estão presentes em todas as narrativas, evidenciando que tanto as identidades de género, como as identidades sexuais passam por uma modelação e que esta é variável de acordo com os seus entendimentos. Ponse (1978: 25) nota que masculinidade e feminilidade se baseiam na atribuição do sexo à nascença e se referem ao sentido de se ser homem ou mulher de acordo com a forma e a estrutura do corpo. Mas um corpo que não se conforma aos parâmetros ideais do feminino pode ser alvo tanto de atribuições, como de reclamações de masculinidade, para além de poder ser, igualmente, modelado nesse sentido.

Para a mulher que possui e/ ou investe numa imagem mais masculina não está, no entanto, necessariamente em causa a sua autodefinição como mulher. É a forma como o ser-se mulher é entendida e agenciada que pode apresentar variações. É ainda Marisa (37 anos, origem de classe: PTE) a declarar que, “Apesar de eu me sentir mais masculina na forma de vestir e de achar mais piada a mulheres mais masculinas do que [às] emperiquitadas, digamos, vestidas de forma feminina, acho que, de alguma maneira, eu tenho uma forma de estar muito feminina no sentido daqueles estereótipos que existem: gostar muito de falar, gostar de falar dos sentimentos, gostar de partilhar as coisas... Acho que há uma forma de estar mais feminina, nesse sentido”.

A masculinidade reclamada tanto por Marisa, como por Raquel, é, então, entendida, antes de mais, como traduzindo uma forma de sentir o corpo e a sua relação com o género, porém complementada com reclamações de feminilidade a outro nível. Ela possui, no entanto, uma segunda dimensão que é, de algum modo, análoga à distinção que as entrevistadas que reclamam sobretudo a sua feminilidade, como Carolina ou Teresa, estabelecem entre o papel feminino convencional e a apresentação de si que adoptam: a recusa da subalternidade e da passividade femininas.

Também na narrativa de Raquel (31 anos, origem de classe: EE), a masculinidade é entendida como forma de reclamação do privilégio masculino: “o sexo masculino, sendo um género sempre associado a uma maior dominação, talvez, precisamente, por [as mulheres masculinas] sentirem que, de alguma maneira, querem essa dominação... // [...] se houver uma explicação mais social, talvez seja a esse nível, porque o sexo masculino é aquele que, em princípio, domina e uma pessoa sente que, de alguma forma, vai dominar mais se for mais para esse lado...”. Este tipo de apreciação é consentâneo com a análise de Halberstam (1998: 2) quando defende que, visto que a masculinidade apela inevitavelmente a noções de poder, legitimidade e privilégio, estas constituem algumas das linhas de identificação que atravessam o seu terreno.

Agenciamentos diversos de masculinidade e feminilidade podem ser encontrados tanto em mulheres heterossexuais, como homossexuais e não põem, necessariamente, em causa, a identidade de género. As entrevistadas não recusam, em geral, a sua identidade enquanto mulheres. Pelo contrário, é precisamente quando pressupõem que ela é recusada – como no caso da *camionista*, que descrevem, geralmente, como uma mulher que gostaria de ser um homem – que se parece gerar uma situação controversa. Mas embora a relação entre preferência erótica e identidade de género, por um lado, e entre esta e as formas como é expressa, nomeadamente em termos estéticos, seja entendida de forma variável, uma certa masculinização é quase sempre encarada como um sinal de lesbianismo.

É por isso que quando Raquel (31 anos, origem de classe: EE) afirma que, “se calhar”, as mulheres masculinas “não têm que ser, necessariamente, homossexuais”, parece admitir, implicitamente, que vulgarmente o são. O mesmo pode ser depreendido da reflexão de Marisa (37 anos, origem de classe: PTE) que, defendendo que, “no fundo, acho que isto é mais geral do que isso, porque há também mulheres que são heterossexuais (pelo menos, têm uma vida

compatível com o ser heterossexual, não há nada que diga que não são) e que podem ser masculinas e que podem ter um tipo de forma de estar, física, de andar, de falar, de vestir, a voz, várias características, ou algumas destas, que sejam mais masculinas”, **concede que** “não é por acaso, que, às vezes, a olhar para essas mulheres, eu até comento, ou penso: «Aquela dava uma boa fufa» ou «Aquela é fufa, mas não sabe» [...], no sentido em que corresponde àquele estilo que eu até acho piada e que, numa fufa, aparece com alguma frequência”.

Deve, entretanto, notar-se, que tanto o sublinhar da não conformidade de género, como as reclamações de masculinidade ou feminilidade estão completamente ausentes nas narrativas das mulheres mais jovens, o que pode estar ligado, justamente, a alterações recentes na sociedade portuguesa tendentes para a redução do dimorfismo de género e à divulgação de representações mais plurais do género e da sua relação com a preferência erótica.

Nota conclusiva

Na medida em que o género seja entendido como uma escala bipolar com dois opostos claramente distintos e irreconciliáveis, os actores são vistos – e tenderão a ver-se – como cabendo num *ou* noutro desses pólos. A não conformidade à feminilidade convencional, tanto em termos de papel, como de modos de apresentação tende, então, a ser equiparada à masculinidade. Se é possível verificar a presença deste imaginário nas histórias de vida recolhidas – e, nomeadamente, a sua influência no trabalho de (re)construção identitária levado a cabo –, também é possível constatar que preferência erótica e identidade de género são variáveis relativamente independentes, associadas a diferentes e plurais configurações identitárias. Assim, se as histórias de vida recolhidas permitem, por um lado, ver a influência de variáveis externas ao actor na modelação de um certo sentido do que é, por outro, elas iluminam as formas distintas e múltiplas como este se apropria, desloca e modifica certas representações de si, dos outros e do mundo.

Bibliografia

APPLEBY, George Alan, ANASTAS, Jeane W. (1998) – Gay, Lesbian, and Bisexual Identities: Definitions and dilemmas. In George Alan Appleby e Jeane W. Anastas (eds.) – *Not Just a Passing Phase: Social work with gay, lesbian, and bisexual people*. New York: Columbia University Press: 45-75

BEM, Sandra L. (1974) – The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. Vol. 42 (2): 155-162

BOURDIEU, Pierre (1987) – *Choses Dites*. Paris: Les Editions de Minuit

- BOURDIEU, Pierre (1979) – *La Distinction: Critique sociale du jugement*. Paris: Les Editions de Minuit
- BROOTEN, Bernadette J. (1996) – *Love Between Women: Early Christian responses to female homoeroticism*. Chicago: The University of Chicago Press
- BUTLER, Judith (1999) – *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge
- CAHN, Susan K. (1993) – From the “Muscle Moll” to the “Butch” Ballplayer: Mannishness, lesbianism, and homophobia in U.S. women’s sport. *Feminist Studies*. Vol. 19 (2): 343-368
- CORREIA, Natália (1999) – *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*. Lisboa: Antígona
- FADERMAN, Lilian (2001) – *Surpassing the Love of Men: Romantic friendship and love between women from the Renaissance to the present*. s.l.: Perennial
- FADERMAN, Lilian (1992) – *Odd Girls and Twilight Lovers: A history of lesbian life in twentieth-century America*. s.l.: Penguin Books
- FOUCAULT, Michel (1969) – *L’Archéologie du Savoir*. s.l.: Gallimard
- GAGNON, John H., SIMON, William (1977) – *Sexual Conduct: The social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine Publishing Company
- HALBERSTAM, Judith (1998) – *Female Masculinity*. Durham: Duke University Press
- JENNESS, Valerie (1993) – Coming out: Lesbian identities and the categorization problem. In Ken Plummer (ed.) – *Modern Homosexualities: Fragments of lesbian and gay experience*. London: Routledge : 65-74
- MACHADO, Fernando Luís, COSTA, António Firmino da, MAURITTI, Rosário, MARTINS, Susana da Cruz, CASANOVA, José Luís, ALMEIDA, João Ferreira de (2003) – Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. n.º 66: 45-80
- MARKOWE, Laura A. (1996) – *Redefining the Self: Coming out as lesbian*. s.l.: Polity Press
- MCINTOSH, Mary (1997) – Class. In Andy Medhurst e R. Sally (eds.) – *Lesbian and Gay Studies: A critical introduction*. London: Cassell: 233-249
- NEWTON, Esther (1984) – The Mythic Mannish Lesbian: Radclyffe Hall and the New Woman. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*. Vol. 9 (4): 557-575
- PEPLAU, Letitia Anne, SPALDING, Leah R., CONLEY, Terri D. (1999) – The development of sexual identity in women. *Annual Review of Sex Research*. Vol. 10: 70-99
- PLUMMER, Ken (1996) – Symbolic Interactionism and the Forms of Homosexuality. In Steve Seidman (ed.) – *Queer Theory/ Sociology*. Cornwall: Blackwell: 64-82
- PONSE, Barbara (1978) – *Identities in the Lesbian World: The social construction of self*. Westport: Greenwood Press

ROTHBLUM, Esther D. (1994) – Lesbians and physical appearance: Which model applies? *In* Beverly Greene e Gregory M. Herek (eds.) – *Lesbian and Gay Psychology: Theory, research and clinical applications*. Thousand Oaks. Sage: 84-94

STORMS, Michael D. (1980) – Theories of sexual orientation. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 38 (5): 783-792

WITTIG, Monique (1993) – One is not born a woman. *In* Henry Abelove, Michèle Aina Barale e David M. Halperin (eds.) – *The lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge: 103-109